

## **Análise geomorfológica integrada das cavernas do Distrito Espeleológico de Felipe Guerra, RN.**

*Renan da Costa Oliveira\**; *Hanna Taisa da Silva Pereira\**; *Vanildo Pereira da Fonseca\*\**; *Clébia Bezerra da Silva\*\*\**; *Pedro Thiago de Moura Paiva\**, *Leticia Hudson Brito\**.

*\* Curso de Geologia / UFRN; \*\* DEGEO / UFRN; \*\*\*CERES/UFRN.*

UFRN

**RESUMO:** Uma extensa plataforma carbonática neocretácica recobre a Bacia Potiguar (RN-CE); esculpidas nessas rochas carbonáticas existem milhares de cavernas e abrigos naturais, sendo os domínios mais significativos reunidos sob a denominação de distritos espeleológicos (Guamaré, Baraúna, Pedra Grande, Jandaíra, etc.). Dentre estes, o Distrito Espeleológico de Felipe Guerra desponta como um dos sítios mais espetaculares, tanto em quantidade quanto diversidade. Fisiograficamente, esta região está associada ao médio curso da bacia hidrográfica do Apodi – Mossoró, associado à penetração das drenagens na *cuesta* SSW dos arenitos (Formação Açú; na base) e carbonatos (Formação Jandaíra) da Bacia Potiguar; em profundidade, esta região corresponde ao início do Rifte Potiguar, através do encontro dos sistemas de falhas de Carnaubais (borda SE), Areia Branca (borda NNE) e a zona de charneira do Apodi (borda sul SE-NW). A análise morfotectônica revela que a drenagem principal (rio Apodi) migra de leste para oeste, revelada pela ocorrência de canais abandonados, maior grau de erosão sobre a chapada carbonática a leste (perfis transversais suavizados neste sentido); é também para leste que se encontra o maior número das cavernas mapeadas pelo CECAV – ICMBio, especialmente sobre uma ampla área de afloramento de rochas carbonáticas denominada de Lajedo do Rosário. As estruturas de dissolução e recristalização ocorrem tanto em superfície quanto em profundidade. Em superfície, temos como principal representante o lapiesamento, responsável por um microrrelevo ruininforme cujas cristas se elevam de poucos centímetros a até dezenas de centímetros, tornando, inclusive, bastante perigosa a caminhada sobre essas estruturas. Os lapíais podem ter distribuição caótica ou serem controladas por linhas estruturais; neste último caso, podem evoluir para fendas que se prolongam até algumas dezenas de metros abaixo da superfície. Em profundidade a diversidade de espeleotemas é espetacular, especialmente porque, mesmo nas pequenas cavernas, podem ser encontrados belos exemplares de estalactites, estalagmites, cortinas, lagos de travertino, pilares, etc. As cavidades são bastante diversificadas e, caracteristicamente, curtas (de poucos metros a algumas centenas de metros); dentre estas, a Caverna de Trapiá, é uma exceção (no atual nível de conhecimento?), pois apresenta um desenvolvimento linear de mais de 2.000 metros e interconecta-se em diferentes níveis freáticos (mínimo de três). Os estudos em andamento estão trazendo novas contribuições ao entendimento da distribuição vertical e lateral das cavernas, dos controles estruturais e/ou litológicos sobre os processos de carstificação, assim como pretende fornecer subsídios ao aproveitamento

como atrativo turístico (espeleoturismo), em associação a outros atrativos locais e regionais.

**PALAVRAS CHAVE:** GEOMORFOLOGIA, ESPELEOLOGIA, GEOTURISMO.